

## Opinião

Reinaldo Matias Fleuri  
Professor do Centro de Educação da UFSC

Hoje, ainda se acredita que a escola seja uma instituição dedicada à educação. Pode não ser a única, nem a principal, mas é sempre considerada como um espaço educativo, ao lado de outros, como a família, os meios de comunicação de massa, a igreja, as associações.

Por educação entende-se, geralmente, o "desenvolvimento das potencialidades do indivíduo", ou a aprendizagem do conhecimento elaborado", de tal forma que a pessoa se capacite a participar da vida em sociedade, exercendo seus direitos e deveres. Assim, quanto mais gente passar pela escola, mais esta contribuirá para a democracia. A escola seria, pois, tanto mais democrática quanto mais pessoas atender e quanto mais capacitar para o exercício da democracia.

É nesta perspectiva que muitos diagnósticos têm sido feitos. Tenta-se verificar o êxito (ou o fracasso) da escola pelo número de alunos atendidos (ou excluídos), pela sua permanência (ou evasão) pelo índice de aprovação (ou reprovação).

Todavia ousamos levantar uma questão impertinente:

Será mesmo que a escola serve para educar os cidadãos? Será que esta sua função declarada é mesmo sua função

real?

Parece uma pergunta sobre o óbvio. Mas, ela tem sido feita. E alguns estudiosos acabaram concluindo que a função social da escola, numa sociedade capitalista, seria a de reproduzir a relação de classes, formando a mão-de-obra necessária ao mercado de trabalho e inculcando-lhe a ideologia burguesa. E as desigualdades sociais seriam reforçadas pelo sistema escolar, na medida em que propiciaria um ensino de melhor qualidade aos ricos, capacitando-os para desempenhar as funções de comando, enquanto para os pobres dedicaria um ensino de segunda categoria, conduzindo-os ao subemprego e desemprego, que alimentaria o contingente de mão-de-obra subalterna e o de reserva.

Diante desta análise, muitos vêm a escola como um espaço contraditório, que não reproduz mecanicamente a estrutura social de classes, mas, traz também contradições internas que podem ser exploradas numa perspectiva de mudança. Consideram, assim, que a escola pode servir aos interesses das classes populares, na medida em que conseguir atender a uma parcela maior das classes subalternas e transmitir-lhes o conhecimento universal elaborado.

O diagnóstico, nesta perspectiva, já tentaria focalizar não só a dimensão quantitativa do desempenho escolar,

# Escola serve para domesticar

mas, também, sua composição curricular, analisando o alcance e a integração das várias áreas de saber trabalhadas na escola. E atribui-se ao Estado democrático não só a tarefa de ampliar o número de vagas nas escolas, como também, de aprimorar o currículo, de modo a elevar o nível de ensino.

Todavia, gostaria de levantar uma hipótese que, talvez, possa permitir um enfoque diferente de diagnóstico.

1. A escola não é uma instituição educativa, mas uma estrutura disciplinar, que serve para domesticar as pessoas, tornando-as dóceis e produtivas. Através de mecanismos de isolamento dos indivíduos, rotinização de suas atividades, vigilância e exames, a escola adapta os indivíduos às relações de dominação e exploração.

2. A educação, propriamente, ocorre com base no diálogo e confronto entre pessoas que buscam compreender e resolver os problemas enfrentados.

3. Os processos educativos atravessam as instituições disciplinares e se desenvolvem na luta contra sua dinâmica autoritária.

Se a escola é uma instituição disciplinar, soam falsos os diagnósticos quantitativos e qualitativos feitos com base na crença de que o Estado deveria ampliar o número de vagas e transformar o currículo nas escolas para democratizar a educação. Pois, ampliação do número de pessoas escolarizadas signi-

ficaria, na realidade, aumento de pessoas domesticadas; alteração do conteúdo curricular seria uma estratégia para inculcar nas pessoas uma visão de mundo tida como universal, mas que, na verdade, não passa de uma visão parcial e fragmentada que impede as pessoas de ver a realidade com os próprios olhos e se organizar autonomamente.

Se a educação acontece na relação entre pessoas e grupos sociais, o diagnóstico deveria ser feito por estas pessoas e grupos de modo a identificar os processos de organização participativa, assim como, os processos contrários que estão acontecendo no contexto em que vivem.

Neste sentido, por exemplo, um diagnóstico da educação, sob o ponto de vista das organizações sindicais, deveria partir não da análise da situação e das perspectivas da escola, mas sim, da situação e das perspectivas da organização sindical, verificando em que medida consegue desenvolver processos participativos e emancipatórios nas classes populares. E a análise da escola, assim como dos meios de comunicação de massa, do Estado, etc, pode ser feita com a perspectiva de identificar sua força e suas debilidades, enquanto mecanismos disciplinares, no sentido de avaliar as possibilidades reais de sua subversão.